

SOBRE INDISCIPLINA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLA DO SISTEMA DE ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE FORTALEZA, CEARÁ, BRASIL

Maria Helena de Castro¹

RESUMO: O presente artigo objetiva tecer reflexões sob à luz da rediscussão da realidade de alunos do 3º ano do Ensino Fundamental quanto à indisciplina e sobre os problemas causados nas séries iniciais. Assume como objetivos específicos: a) conceituar disciplina e indisciplina escolar, apresentando conceitos e considerações relevantes sobre o tema; b) refletir sobre o processo de disciplinarização no contexto escolar, apresentando a realidade da escola diante das atitudes indisciplinadas dos alunos; c) investigar como os professores compreendem a realidade da indisciplina cometida por alunos do 3º. ano do Ensino Fundamental, coletando informações dos próprios professores acerca dos atos de indisciplina cometidos pelos alunos. A justificativa para a escolha do tema pauta-se, inicialmente, pelo conhecimento dessa realidade e pela necessidade constante de estudos e análises acerca das posturas indisciplinadas dos alunos desde o início de sua trajetória educacional. Nesse sentido é preciso que a escola, na pessoa de seus segmentos escolares, reflita sobre a realidade do aluno e de sua predisposição em aprender. O tema indisciplina é muito complexo, pois existem múltiplas causas, uma vez que articula várias dimensões. Além disso, assume formas diferentes em nossa sociedade atual, formas que não existiam em sociedades de tempos passados. Por muito tempo os pais levavam seus filhos à escola, as mães cuidavam das tarefas de casa dos seus filhos, ajudando-os nos deveres, e eles eram submissos aos pais e aos professores. Esse modelo de contexto familiar pode caracterizar um elemento que o aluno não compreende e a escola é o local em que o aluno apresenta sua inconformidade com o modelo familiar do qual faz parte. Diante desta problemática, surge a pergunta: o que pode causar a indisciplina na sala de aula? Para responder a essa pergunta buscou-se auxílio nos seguintes teóricos: Aquino (2001); Antunes (2005); Tiba (2006); Foucault (2007) e Vasconcellos (2009) entre outros. Investigando a temática mais particularmente fez-se uso do objeto de pesquisa, uma escola pública da cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil. A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevista com uma amostra de 10 professores, sendo possível reconhecer a temática e consolidar as informações referentes aos autores consultados. Considera-se que estudos de natureza exploratória para com o tema da indisciplina escolar devem ser mantidos, no sentido de que, sempre que for preciso uma intervenção para melhoria do clima escolar, a escola tenha isso efetivamente realizado, a partir de uma reflexão prévia sobre suas ações e tomadas de decisão de minimização e erradicação da indisciplina escolar.

1674

Palavras-chave: Indisciplina. Aluno. Ensino Fundamental. Disciplina. Professor.

¹Professora da rede Municipal de Ensino Público de Fortaleza, Ceará, Brasil. Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Del Sol, Paraguay, Assuncion.

INTRODUÇÃO

O papel da escola, na figura de seus segmentos escolares, no processo da disciplina seria o de colaborar com esse adestramento social, limitando as atitudes do aluno considerado como indisciplinado. Para a maioria dos educadores, um aluno disciplinado é aquele que se adapta àquilo que é exigido em sala de aula e se comporta conforme o desejo do professor, que se sentirá realizado se ele permanecer em silêncio, quieto, se ouvir atentamente as explicações do professor e resolver os exercícios propostos rapidamente.

No espaço escolar é patente a falta de limites de alunos, crescendo as queixas a respeito da ingovernabilidade das novas gerações, associando-a ao declínio das instituições e autoridades tradicionais e às novas influências trazidas pela indústria cultural e de consumo. Muitos atos dos alunos podem ser considerados por alguns como indisciplina e por outros como atitudes de desafio ou simplesmente descuido com as regras e normas. Para alguns alunos indisciplina pode ser encarada como um simples não seguir as regras estabelecidas.

A disciplina é uma das maiores exigências dos docentes como temática para as capacitações que constituem a formação continuada, assim como uma das maiores reclamações relativas ao trabalho em sala de aula. Assim, esses temas estão presentes no cotidiano da escola e como um tema em evidência em todo o ano letivo.

A educação também tem o objetivo de desenvolver no indivíduo o interesse na vida coletiva, sendo que educação para cidadania é o cultivo do senso no valor moral em cada indivíduo, na criança e nos jovens. É fundamental buscar estratégias que motivem os alunos, pois alunos motivados em uma aula tornam-se alunos que cooperam e fazem a aula fluir juntamente com os professores. Analisando por esses aspectos, para ser cidadão é necessário conhecimento, memória, respeito pelo espaço público, normas de relações interpessoais e diálogo aberto entre olhares éticos.

A escola assume, na figura de seus segmentos, uma grande importância e responsabilidade na formação de um cidadão. Desde as primeiras séries a instituição escolar insere a criança em um círculo social, onde ela irá conhecer estranhos, obedecer às regras e criar uma rotina. Além disso, um dos fatores mais importantes da escola é transferir conhecimentos e passar os conceitos básicos da vida em sociedade.

As situações disciplinares enfrentadas nas escolas são inúmeras; no entanto, permitem abundante e variado leque de leituras e problematizações. Os conflitos nas relações sociais e pedagógicas apresentam dificuldades, mas também possibilidades de aprendizagem, de questionamento e de mudança. A disciplina, quando exercida corretamente, só tem a beneficiar aluno e professor, já que tolerar indisciplina do aluno significa permitir que ele interfira no processo de ensino e aprendizagem. Um ambiente escolar em que há conversas paralelas, só tendem a contribuir para uma aula com ausência de concentração, desinteresse e stress, tanto para o professor, que se desgasta na tentativa de aplicar sua aula, quanto aos alunos, que querem aprender e não podem por causa daqueles alunos que tumultuam o espaço escolar.

A disciplina e a indisciplina são temas atrelados entre si, que envolvem valores e normas, educação e orientação social. A escola assume essa realidade como missão sua, de modo que os alunos compreendem isso em todas as etapas escolares, bem como dos projetos desenvolvidos ao longo do ano letivo, tudo como possibilidade de gerar um clima escolar adequado, na promoção do aluno e de seu processo de ensino-aprendizagem.

Assim, ao se mencionar sobre a disciplina, também se faz referência à antítese, ou seja, a indisciplina. Isso porque ao se referir à presente temática da disciplina, menciona-se sobre a indisciplina. Como diz La Taille (1996): “Cabe à escola a preparação para o exercício da cidadania. E para ser cidadão é necessário conhecimento, memória, respeito pelo espaço público, normas de relação interpessoais e diálogo aberto entre olhares éticos” (LA TAILLE, 1996, p.31). O autor reconhece a viabilidade de preparar o aluno para o exercício da cidadania como condição de superação da indisciplina escolar. Tendo em vista um trabalho de conscientização dos papéis do aluno na escola como forma de erradicação da indisciplina escolar.

Tanto na escola pública quanto na particular, as muitas manifestações de indisciplina são o desafio para os educadores em sala de aula e escola. O problema da disciplina está ligado a uma série de questões; não dá para falar de disciplina de uma forma isolada em relação à realidade maior. Pode-se perceber alguns focos da queixa: o aluno, seu desinteresse, decorrente da tecnologia a que tem acesso fora da escola; os meios de comunicação, a sua influência negativa; a família, não cumprindo seu papel; a escola, que nem sempre apoia o professor; a sociedade, sua (des)organização; e, depois de um certo tempo, chega-se a colocar em questão a própria relação pedagógica.

Dessa maneira, o problema disciplinar é uma questão que deve ser de responsabilidade não somente do professor, mas também dos pais, da equipe gestora e da comunidade escolar, visto que eles derivam de causas externas à escola: entre elas se vê a influência exercida pelos meios de comunicação, violência social e ambiente familiar e de causas internas: incluem ambiente escolar, condições de ensino-aprendizagem, modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e a capacidade deles em adaptar-se aos esquemas da escola. Assim, a disciplina envolve todo o espaço educativo, todos os personagens e o entorno escolar, em sua dimensão social, pois ultrapassa os muros da escola.

REVISÃO TEÓRICA

Na perspectiva de Piaget (1994), o conhecimento humano se constrói na interação homem-meio, sujeito-objeto. O modo como a criança recebe as regras e a autoridade do adulto e do ambiente social passa por três fases durante o seu desenvolvimento: anomia, heteronomia moral e autonomia moral. Na anomia, predomina a ausência total de regras. Na fase da heteronomia moral, o indivíduo passa a compreender a presença de regras, mas não consegue utilizá-las com autonomia, precisando de um adulto para direcioná-la. A autonomia moral é o cumprimento das regras pela consciência, que pode ou não ser adquirida pelo indivíduo. As regras morais que a criança aprende a respeitar são transmitidas pela maioria dos adultos, isso significa que elas já chegam elaboradas, porém não na medida de suas necessidades e interesses, mas de uma única vez através da sucessão ininterruptas das gerações adultas anteriores. (PIAGET, 1994, p.23).

Para o psiquiatra Tiba (2006), disciplina é o conjunto de regras éticas para se atingir um objetivo. A ética é compreendida, portanto, como critério qualitativo do comportamento humano envolvendo e preservando o respeito ao bem-estar. Para o referido autor a disciplina não depende exclusivamente de um indivíduo: pressupõe a existência do disciplinador e do disciplinado em função de um objetivo, num determinado contexto. O contexto da disciplina relaciona-se com o local e valores culturais vigentes.

Tiba (2006) considera que disciplinar é um ato complementar, isto é, depende das características pessoais do disciplinado e do disciplinador. Portanto, diferentes professores conseguirão diversos resultados com uma mesma classe, e várias classes

promoverão diferentes comportamentos num mesmo professor. “É dentro de casa, na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para, num futuro próximo, ter saúde social. Seus maiores treinadores, professores, mestres e modelos são os pais ou alguém que cativa sua admiração” (TIBA, 2006, p. 176).

Disciplina, para Foucault (2007) é uma tecnologia de poder, ou seja, é uma forma de executar o poder disciplinarizador individualizante, pois o poder é exercido de forma individual sobre o corpo de cada pessoa disciplinando assim o indivíduo, tornando-o assim dócil. Disciplinar uma pessoa é “construí-la” a partir da ação do poder sobre o corpo desses determinados indivíduos. O mais atraente é que a disciplina tem um caráter extremamente interessante, pois ela vem do exterior do indivíduo e se internaliza no mesmo.

Já para Freire (1989), uma educação idealmente estruturada, a disciplina deve ser resultado da livre escolha do aluno, não da autoridade do professor. Por isso que a disciplina, para), envolve autodisciplina, cabendo a cada indivíduo a busca pela autodisciplina. A indisciplina é a falta de regras, ou a desobediência às regras sem justificativa. Como professor, tanto lido com minha liberdade quanto com minha autoridade em exercício, mas também diretamente com a liberdade dos educandos, que devo respeitar, e com a criação de sua autonomia bem como com os ensaios de construção da autoridade dos educandos. Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei. [...] É concretamente respeitando o direito do aluno de indagar, de duvidar, de criticar que “falo” desses direitos. (FREIRE, 2002, p. 95).

Para Vasconcellos (2009), o vocábulo disciplina deriva do latim (*discapare*, captar claramente; *disceptare*, discutir alguma coisa; *discipulus*, aluno; *disciplina*, ensino, doutrina, ciência), usado normalmente para se referir a um domínio limitado do saber e sua representação didática. No campo pedagógico, Vasconcellos (2009) conceitua “disciplina” como organização do ambiente de trabalho escolar, comportamento, postura, atitude, como parâmetros pedagógicos que precisam ser compreendidos na questão do estudo sobre disciplina. (VASCONCELLOS, 2009, p. 23).

Em Aquino (1996, p. 43) em uma “suposta educação de antigamente” as relações escolares eram permeadas por medo, coação e até mesmo uma subserviência, o que

demonstra que essas relações eram determinadas em termos de obediência e subordinação.

Para La Taille (1996, p. 10) “se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas”. Como se observa, são situações que permeiam o conhecimento sobre o limite de si e a realidade do outro.

De acordo com Foucault (2007), a disciplina é, portanto, compreendida como força e dominação que se instaura nos espaços sociais menores, o que se revela no efeito dominó, onde o maior se sobrepõe ao menor em poder e força. Ela permite, portanto, nesses casos, o controle do corpo e da alma, isto é, do cumprimento integral dos que neles se encontram e lhes impõe uma relação de docilidade e utilidade.

Nas observações de Foucault (2007): “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade, são o que podemos chamar as "disciplinas.”” (FOUCAULT, 2007, p.126). Portanto, a disciplina consiste numa forma de distribuições que, de certa forma, delimita todas as diferenças individuais, como o normal do anormal ou do patológico, fazendo funcionar a norma e a regra a partir de um sistema de igualdade formal. Para isso, a disciplina compara, diferencia, hierarquiza, torna-se homogênea, exclui, normaliza. Neste sentido, a disciplina também se torna humana. Já o termo indisciplina refere-se ao procedimento, ato ou o contrário à disciplina; desobediência, desordem, rebelião, sendo assim, indisciplinado aquele que se põe contra a disciplina.

Segundo Tiba (2006), um ser disciplinado é um ser treinado. O disciplinador ou treinador impõe uma série de aprendizados pela lei do prazer (prêmio) e do sofrimento (castigo). A primeira arte do treinador é perceber o que provoca prazer e o que provoca sofrer. É importante que o treinador crie um clima de afeto e confiança com seu disciplinando. O afeto garante sempre o carinho, o agrado físico. Tem que haver confiança, a certeza de que vai realmente acontecer, conforme o combinado: cumpriu a tarefa, sentirá prazer; não cumpriu, deixará de ganhar o prêmio, não vai saciar sua vontade, e essa privação representará um sofrimento.

Em Vasconcellos (2009), para haver organização e interesse nas práticas pedagógicas, o professor necessita de um espaço escolar calmo e controlado, onde o

aluno respeite a presença do seu educador e participe das aulas com interesse e respeito, resultando assim em aulas agradáveis e atrativas. Segundo Vasconcellos (2009):

Sem autoridade não se faz educação; o aluno precisa dela, seja para se orientar, seja para poder opor-se (o conflito com a autoridade é normal, especialmente no adolescente), no processo de constituição de sua personalidade. O que se critica é o autoritarismo, que é a negação da verdadeira autoridade, pois se baseia na coisificação, na domesticação do outro (VASCONCELLOS, 2009, p. 248).

Em Foucault (2007) a ideia de que a questão da disciplina, muitas vezes, é vista como algo negativo, uma forma de repressão que deve ser evitada na sala de aula. O autor admite que a disciplina é um tipo de organização do espaço e um controle do tempo; a vigilância é um dos seus principais instrumentos de controle e, por fim, a disciplina implica um registro contínuo de conhecimento.

Na perspectiva de Foucault (2007, p. 126): “A disciplina visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente”. É corrente a compreensão de que este fenômeno esteja diretamente relacionado a regras, normas e à postura adotada pelos sujeitos frente às relações constituídas nas diversas situações escolares, tanto na relação professor-aluno e aluno-aluno, quando frente às formas de organização e gestão escolares e pedagógicas, seja na sala de aula ou na escola. Tanto nos modelos de educação tradicional quanto nas versões de educação mais progressistas, percebe-se essa relação intrínseca ao cumprimento e/ou estabelecimento consensuado de normas e regras de convivência e de organização, seguida do uso de sanções advindas do seu descumprimento.

O autor assim acrescenta: “Portanto, ela fornece subsídios para o aprimoramento das técnicas, todavia, aumentando em grandeza diretamente proporcional, suas utilidades enraizadas em preceitos de docilidade”. (FOUCAULT, 2007, p. 127). Como se observa, a utilização da disciplina é um recurso socializador da escola, nas relações interpessoais de formação intelectual do aluno. Ele assim se expressa: “(...) métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2007, p. 127).

Antunes (2011), por sua vez, ressalta que é preciso ter cuidado com uma sala silenciosa: falar, conversar e debater pode representar um excelente instrumento

pedagógico. Mas, há momentos em que o silêncio e a concentração são necessários para que os conteúdos expostos sejam compreendidos. O espaço da sala de aula é complexo e humanizador, que exige de seus personagens autonomia e responsabilidade no clima escolar. Quando os professores de uma unidade escolar sentam-se com seus alunos e desconstroem e sabem reconstruir a plenitude da significação e dos tipos de disciplina, não apenas a aula corre mais facilmente e a aprendizagem se concretiza de maneira mais saborosa, como estudantes e mestres descobrem que, reconhecendo a disciplina como ferramenta essencial às relações interpessoais, aprendem autonomia, exercitam a firmeza e conseguem, com mais dignidade, construir o caráter (ANTUNES, 2005, p.24).

O processo de ensino e aprendizagem necessita da disciplina e a mesma está onde há o respeito mútuo, o respeito e comprometimento da alteridade, com as regras estabelecidas, na escola e no meio em que se vive. São regras universais contempladas no contexto escolar que anima a vida cotidiana de seus segmentos. Como afirma Vasconcellos (2009, p.248), “tanto na escola pública quanto na escola particular, as diversas manifestações de indisciplina são o desafio para os educadores em sala de aula e escola”. O problema da disciplina está ligado a uma série de questões; não dá para falar de disciplina de uma forma isolada em relação à realidade maior.

Problemas Relacionados com a Disciplina

Em Vasconcelos (2009), as causas da indisciplina do aluno são várias, podendo ser internas ou externas à escola. Assim, não pode ser tratado apenas no espaço escolar, mas com a contribuição do contexto social em que a escola está inserida. [...] o problema da (in) disciplina, com certeza diz respeito ao professor, mas também ao aluno. E mais que isto, dada sua complexidade, envolve também outras frentes: instituição, comunidade, sistema de ensino e sistema social. (VASCONCELLOS, 2009, p.169).

De acordo com Gentile (2002), causas internas referem-se, no meio escolar, ao processo de ensino, às características dos alunos, à capacidade de obedecer às normas e regras, às formas de relacionamento entre aluno e professor e como esse exerce sua autoridade para impedir a indisciplina, cabendo a ele conquistar os alunos através de suas ações, sem ameaças e castigos, pois “o professor precisa desempenhar seu papel,

o que inclui disposição para dialogar sobre objetivos e limitações e mostrar ao aluno o que a escola e a sociedade esperam dele” (GENTILLE, 2002, p.2).

De acordo com Tiba (2006), quanto aos alunos que sofrem de distúrbios neurológicos, “seus portadores são tradicionalmente agitados, apressados, briguentos, inquietos, inteligentes, terminam as tarefas antes dos outros e, como não aguentam esperar, acabam tumultuando a aula” (TIBA, 2006, p.146). Durante o fazer pedagógico, uma parte dos professores se depara com alunos agitados, que não fazem as tarefas solicitadas, são distraídos, desorganizados e com dificuldade em obedecer às normas estabelecidas, chegando, muitas vezes, a serem agressivos. Os professores que não foram capacitados para lidar com eles em sala de aula acabam confundindo o TDAH com mau comportamento.

De acordo com Travi (2009), podem-se adotar alguns procedimentos, a fim de minimizar essas situações como reduzir, ao mínimo os estímulos na sala de aula; manter portas de armários fechadas, a fim de que caixas, livros e demais materiais ali existentes não distraiam a criança com cores, formas e tamanhos diferentes; sentar os alunos com transtorno longe de janelas e portas, pois estes elementos são facilitadores de dispersão; ter um número reduzido de alunos em sala de aula. Os transtornos de personalidade, tais como dependente, antissocial, evitativo, esquizoide, paranoide, etc, afetam todas as áreas de influência da personalidade de um indivíduo, o modo como ele vê o mundo, a maneira de expressar as suas emoções, o comportamento social. Esses problemas estão comumente presentes na escola, de modo que a indisciplina, relacionada a essas questões, pode ser ignorada, mas que afeta o clima escolar.

Na visão de muitos educadores, dentre eles Tiba (2006), Gentile (2002) Vasconcellos (2009), a indisciplina é reflexo da pobreza e da violência impulsionada pelos meios de comunicação, colocando os alunos como resultado de uma sociedade injusta e violenta e a escola como vítima de alunos inadequados. Outros educadores culpam a educação dada pela família pelo comportamento indisciplinar do aluno na escola. Outros atribuem o problema ao professor ou à instituição escolar. Do lado do aluno, há reclamações contra o sistema escolar.

Reclamam do autoritarismo, da qualidade das aulas, da maneira que os horários e os espaços são organizados, do pouco tempo de recreio, da quantidade de matérias incompreensíveis, pouco significativas e desinteressantes, da aspereza de determinado professor, do espontaneísmo de outro, da falta de clareza dos educadores, das aulas

monótonas, da obrigação de permanecer hora sentados, da escassez de materiais e propostas desafiadoras, da ausência de regras claras, etc. (AQUINO, 1996, p.90).

Aquino (1996), afirma que é comum as pessoas associarem disciplina à tirania, como se disciplinar fosse sinônimo de oprimir, enquadrar, humilhar, tyrannizar. Assim como a vida em sociedade necessita que seus elementos sejam orientados através de regras e normas para que o seu sistema tenha um bom funcionamento, a escola, como instituição social, precisa que seus membros sejam também direcionados por normas. Entretanto, Aquino (1996) defende que isso acaba despertando ainda mais no aluno o desejo de libertar-se dos padrões escolares. Para o autor, o disciplinador é aquele que educa, oferece parâmetros e estabelece limites.

A indisciplina, nesta ótica, passa a ser vista como uma atitude de desrespeito, de intolerância aos acordos firmados, de intransigência, do não cumprimento de regras capazes de pautar a conduta de um indivíduo ou de um grupo [...] no plano educativo, um aluno indisciplinado não é entendido como aquele que questiona, pergunta, se inquieta e se movimenta na sala de aula, mas sim como aquele que não tem limites, que não respeita a opinião e sentimentos alheios, que apresenta dificuldades em entender o ponto de vista do outro e de se autogovernar no sentido expresso por Vygotsky (1984), que não consegue compartilhar, dialogar e conviver de modo cooperativo com seus pares. (AQUINO, 1996, p.86).

As reclamações e desconforto dos professores quanto à indisciplina na escola gira em torno de dois agravantes principais: a falta de interesse e a falta de limites dos alunos. “O processo disciplinar vem enfrentando algumas crises relacionadas a vínculos, limites e possibilidades” (VASCONCELLOS, 2013, p. 63). A disciplina é uma exigência dos docentes como temática para as capacitações que constituem a formação continuada, assim como uma das maiores reclamações relativas ao trabalho em sala de aula.

Segundo Vasconcellos (2009) os problemas relacionados com a disciplina vêm aumentando em termos de gênero. Antes era um problema pertinente aos alunos do sexo masculino; atualmente as meninas também se envolvem em conflitos. Em relação às faixas etárias houve um período em que as séries finais do ensino fundamental foram alvo principal de reclamações; com o passar do tempo começou a surgir queixas das séries iniciais do ensino fundamental. Atualmente, tem havido conflitos até na educação infantil.

Indisciplina e Consequências Escolares

A indisciplina tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula. Mas, além de constituir um “problema”, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional.

Garcia (2013, p. 96), define indisciplina: “Como uma instabilidade e ruptura no contrato social da aprendizagem. Ela é, assim, uma força que atua no tecido da relação entre educadores e alunos, que sustenta o desdobrar do currículo”. Nesse sentido, o aluno indisciplinado é alguém que possui um comportamento desviante em relação a uma norma, explícita ou implícita, sancionada em termos escolares e sociais.

No que diz respeito à complexidade e ambiguidade do tema indisciplina La Taille apud Aquino (1996) conceitua a indisciplina a partir da negação de outro conceito: disciplina. Pode-se entender disciplina como comportamento regido por um conjunto de normas. Ao negar este conceito, duas formas podem ser extraídas conduzindo à ambiguidade. A primeira consiste na revolta contra as normas. A outra forma diz respeito ao desconhecimento das normas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente, no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações. O autor considera que o cinismo (negação de todo o valor) tem sido um dos desarranjos em sala de aula, afirmando que no passado o professor falava e os alunos estavam dispostos a aceitar ou discordar e propor; contudo, atualmente se tem um “auditório de surdos”. Este explica que a indisciplina em sala de aula é entre outros fatores, decorrência do enfraquecimento do vínculo entre a moralidade e sentimento de vergonha.

De acordo com Tiba (2006) o aluno é também peça chave para a disciplina escolar e o sucesso da aprendizagem. A maior dificuldade, atualmente encontrada, é a falta de motivação para estudar; porém, quando o aluno tem interesse em ganhar alguma coisa, se torna mais disciplinado. O ambiente escolar também interfere na disciplina, como classes muito barulhentas, salas apertadas, quentes e superlotadas são locais pouco prováveis para se conseguir uma boa disciplina. No entanto, a condição que mais prejudica é o estado psicológico, como causa de um espaço pouco propício para a aprendizagem.

A escola e o professor, na maioria das vezes, esperam que o comportamento do aluno se adeque ao que eles desejam. Com isto, o que desejam, obviamente, é que o aluno fique quieto, ouça atentamente as explicações dadas, fale quando for solicitado e faça os exercícios dados. Se o andamento da aula seguisse exatamente esse cronograma, teoricamente, o rendimento dos alunos seria bem maior e o conteúdo seria desenvolvido de forma bem mais satisfatória em termos de quantidade e qualidade. Porém, não é desta forma que as coisas funcionam na prática pedagógica diária (VASCONCELLOS apud CAMILLO, 2011, p. 526).

Vários dispositivos legais são criados para fazer funcionar regras e leis como garantia de uma retaguarda ao desenvolvimento da criança, como regras de convivência, avisos e reuniões periódicas com pais e responsáveis. No entanto, a escola não está conseguindo dar conta dessa atribuição como deveria. Segundo Ratto (2007), “isso está causando um mal-estar nos professores que se sentem impotentes frente a estas demandas; têm que preparar o aluno para a vida fornecer-lhe as ferramentas e conhecimentos com que poderá atuar para conduzir a civilização”. Nesse sentido, “considero ser bem-vindo algum grau ou tipo de vigilância nas relações educativas a serem estabelecidas com as novas gerações” (RATTO, 2007, p. 254).

Em Garcia (2013) há a compreensão de que as diversas causas da indisciplina escolar podem ser reunidas em dois grupos gerais: as causas externas à escola e as causas internas. Entre as primeiras vamos encontrar, por exemplo, a influência hoje exercida pelos meios de comunicação, a violência social e o ambiente familiar. As causas encontradas no interior da escola, por sua vez, incluem o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola. Assim, na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina. Deparamo-nos com várias situações em função de buscar causas, mas percebemos que todos devem estar conscientes e não ficar buscando culpados.

A PESQUISA DE CAMPO

Como o professor concebe a questão da indisciplina? Há o conhecimento e diálogo do do professor com os inúmeros conceitos e abordagens sobre a disciplina e

sua antítese, a indisciplina? Como o professor enfrenta na sua sala de aulas as dificuldades provenientes da problemática da indisciplina? Como o professor trabalha essa questão? Há envolvimento dos pais nesse processo?

Para tentar responder a essas e outras pertinentes perguntas, a pesquisadora do presente trabalho convidou uma amostra de 10 professores do ensino fundamental para responder um questionário semiestruturado acerca da temática “indisciplina”. A amostra de docentes tem atividades pedagógicas no Ensino Fundamental, leciona para crianças e enfrenta diretamente a realidade da indisciplina escolar na sala de aula.

O objetivo da pesquisa foi coletar percepções e opiniões dos docentes sobre a problemática da indisciplina na escola ara que se pudesse desenvolver uma análise reflexiva no contexto e observação da dinâmica do professor(a).

Esta pesquisa caracteriza-se por ser de cunho qualitativo e de caráter descritivo explicativo. Em Oliveira (2002, p. 117) há a informação de que o caráter descritivo da pesquisa "procura abranger aspectos gerais e amplos de um contexto social" [...], propiciando “ao pesquisador a obtenção de uma melhor compreensão do comportamento de diversos fatores e elementos que influenciam determinado fenômeno”. Como procedimento de coleta de dados, utilizei a entrevista semiestruturada.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao pedir aos professores entrevistados que conceituassem disciplina escolar, a partir de sua própria compreensão na efetivação da sala de aula, estes responderam que:

Disciplina é a capacidade do indivíduo de obedecer a um conjunto de regras.

Alunos que apresentam comportamento adequado.

A disciplina é uma ferramenta que pode ser usada para fazer coisas certas ou erradas.

São regras ou direcionamentos para se atingir metas.

Um tipo de autoridade que ajuda o aluno a crescer intelectualmente.

Ao serem solicitados a expressar um conceito de indisciplina (permitindo ao leitor visualizar um paralelo com o conceito dado sobre disciplina) os docentes entrevistados responderam que:

Diferentemente da disciplina, indisciplina consiste no ato de descumprir regras.

Quando as regras de uma sala de aula não são cumpridas. Quando um aluno não tem boa convivência ou um bom relacionamento em grupo.

São conseqüências negativas ao meio social e familiar, a indisciplina na família traz como conseqüência à desorganização emocional. Mas também das pessoas que com ele convivem. No âmbito escolar gera turbulência e ainda são comuns conflitos envolvendo o professor e o aluno.

A indisciplina pode ser vista de forma holística, ou seja, é vista no âmbito geral de vários fatores, como: falta de limite, aula desestimulante, o ambiente social, falta de estímulos, dentre outros.

Quando questionados sobre o que é indisciplina, os entrevistados concluíram que “Indisciplina” é o ato de descumprir ou infringir regras. Um entrevistado disse que a indisciplina acontece por vários fatores, como falta de limite, o ambiente, aulas desestimulantes, entre outros. Na tentativa de conceituar indisciplina, a maior parte dos professores fez referência a exemplos de atos considerados indisciplinados ou disciplinados ao invés de explicitar o conceito. Assim como foi destacado na maior parte das pesquisas referenciadas na revisão apresentada no início deste trabalho, os professores entrevistados utilizaram uma pluralidade de terminologias e conceitos para a indisciplina, indicando que entre eles a concepção do fenômeno está longe de ser consensual. De qualquer forma, buscou-se encontrar algumas regularidades de sentidos nas falas dos professores e, a partir delas, elenquei algumas associações que o conceito de indisciplina suscitou. Embora apresentadas separadamente, convém ressaltar que elas não são excludentes entre si no discurso de cada professor.

A fala dos professores acerca do que se solicitava, tem seu fundamento na reflexão de Oliveira (2002), Bocchi (2002) e Yasumaru (2006) que também encontraram concepções dos professores sobre indisciplina associadas a “falta de limites dentro de sala de aula”, “bagunça”, “não realização de tarefas”, etc. Nessas falas, os comportamentos considerados como indisciplinados (“falar ao mesmo tempo junto às suas explicações”, “não fazer as tarefas escolares”, “ser desinteressado”, “não prestar atenção”, “entrar e sair na hora que querem”) são vistos pelos professores como não cumprimento ou não acatamento das regras e normas estabelecidas pela escola e pelo professor em sala de aula.

Também foi solicitado aos professores entrevistados que respondessem a seguinte questão: Quando o aluno pode ser considerado indisciplinado? Essas foram as respostas mais pertinentes:

Deixar de realizar tarefa, atrasar em horários pré- estabelecidos e conversas aleatórias.

Conversar durante as explicações, realizações de tarefas. Prática de Bullying.

Falar alto, bagunça em sala, desrespeito com o professor, não fazer as atividades, etc.

Quando o aluno se recusa a seguir regras construídas na sala de aula.

Focando em tais ações comportamentais referentes à indisciplina, o educador deve promover desafios que possibilitem a ação dos alunos, a reflexão, discussão e a busca de soluções conjuntas. Ou seja, o educador é o mediador, ele problematiza os fatos, orienta e questiona as situações problemas, estimulando os alunos a participarem das decisões, favorecendo o senso de justiça e fortalecendo a vivência das relações democráticas.

Os atos indisciplinados citados pelos professores participantes da pesquisa podem ser explicados segundo Estrela (2002), Oliveira (2005), La Taille (1996), Vasconcellos (2009), Garcia (2013): os alunos podem desobedecer e não aceitar as regras porque estas não são discutidas e esclarecidas quanto as suas razões que as justificam e ou também por não as aceitarem, já que elas lhes são impostas. Estrela (1994) assinala que as regras são vistas como parte integrante do currículo exposto e oculto da escola que na maioria das vezes são impostas sem que haja discussão com os alunos do porquê de sua existência.

Bourdieu e Passeron (1982) também auxiliam a compreender esse fenômeno como uma forma de resistência, uma contestação a um arbitrário que é imposto pela escola e professor através da ação pedagógica que é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição. Estas podem se dar através de regras, práticas de regulamentação e de ordenamento numa forma de tratamento igualitário como se todos tivessem uma só identidade.

A sétima questão da entrevista aos professores solicitava deles que explicassem a possibilidade de distinguir indisciplina escolar de violência escolar. Dessa forma, optou-se por coletar e apresentar as respostas em forma de depoimento, por ser uma expressão da percepção de cada professor sobre a questão. Para tanto, utilizou-se da nomenclatura P para caracterizar a fala dos professores, seguida do numeral, que elenca o professor e sua exposição.

P1: “A indisciplina é quando o comportamento do aluno compromete a convivência escolar. A violência é quanto a ação é direcionada para ferir física e psicologicamente”.

P2: “Indisciplina - desordem. Violência - uso da força física ou moral com agressividade com a intenção de ameaçar e cometer ato que prejudique o outro ou a si mesmo”.

P3: “A violência se dá quando há situações de agressões físicas ou verbais contra os colegas, professor ou funcionários ou danos ao patrimônio escolar. A indisciplina tem a ver com o desrespeito às normas, leis e disciplina”.

P4: “Entendemos por violência atos de força, tanto em termos de classes sociais, quanto em termos interpessoais. A indisciplina corresponde à desobediência das leis ou regras”.

P5: “Todas as vezes que um aluno desrespeita as regras da instituição é considerado indisciplinado. Os atos de violência podem estar relacionados a brigas e agressões entre os alunos e adultos”.

P6: “Um exemplo de violência é a que é praticada com agressividade contra a pessoa, incluindo aí as questões de gênero e racismo. Já aquele que não tem limites, que não respeita a opinião e os sentidos alheios, pode ser considerado um indisciplinado”.

P7: “A indisciplina é quanto o mau comportamento do aluno interfere na convivência escolar e a violência é o ato de agredir física ou psicologicamente o próximo”.

P8: “Um ato indisciplinar, nem sempre corresponde a um ato infracional. Considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal. O ato indisciplinar não é crime constituinte na legislação, mesmo assim está inserido no regimento interno escolar”.

P9: “O aluno que desobedece é indisciplina, bater nos colegas é violência”.

P10: “A violência é quanto há situações de agressões físicas ou verbais e danos ao patrimônio escolar. A indisciplina se refere ao desrespeito às normas e a disciplina”.

Analisar a indisciplina sob a ótica de um fenômeno de aprendizagem é de fato um avanço na leitura, sinalizando uma nova perspectiva a ser considerada, superando o viés comportamental, apontando uma forma de compreender o aluno também como um ser complexo, além de oportunizar um questionamento sobre a prática docente com relação as regras e o desenvolvimento dos alunos.

Dessa maneira muitos comportamentos apresentados pelos alunos durante as aulas – agressões físicas e verbais, vandalismo, entre outros –, não seriam indisciplina escolar, mas violência devendo, portanto, ser abordados com formas diferentes.

Entende-se aqui que o conceito de indisciplina escolar seja muito mais complexo que aquele compreendido no senso comum – apenas comportamental –, e por isso argumentamos sobre a necessidade em clarificarmos e diferenciarmos sua definição do conceito de violência.

A violência, além dos danos da integridade do plano físico, também acarreta consequências para o estado psíquico e moral do indivíduo. A ausência da compreensão da indisciplina e da violência pode contribuir para que sejam tomadas medidas punitivas equivalentes, para situações bem diferenciadas.

A oitava questão solicita dos professores entrevistados que apresentem quais as

atitudes que são tomadas com os alunos indisciplinados. Mais uma vez os professores foram solícitos em contribuir com a pesquisa apresentando suas respostas que agora são apresentadas pela tabela a seguir:

Atividades extras e redução no prazo de entrega de atividades.

Conversa com os alunos, organização de mapeamento de sala.

Chamo a atenção de forma lúdica com bordões utilizados na sala de aula. Através de brincadeiras, vídeos, teatro com fantoches, música e diálogo com a família (trabalho com a Família),

Através de filmes, conversas, dinâmicas, gincanas etc.

A conquista da autoridade, toda vez que se tenta impor a disciplina com autoritarismo surge a revolta, com mais conhecimento, todo professor adquire segurança para trabalhar a conquista da disciplina, e o principal, agir com calma em uma situação de indisciplina.

Quando solicitados acerca de quais atitudes utilizam para trabalhar a indisciplina em sala de aula, um dos entrevistados declarou que precisa trabalhar com atividades extras e reduzir o prazo na entrega dos trabalhos, três dos entrevistados enfatizaram a importância do diálogo, dois entrevistados falaram sobre a relevância de lidar com o lúdico e brincadeiras, um entrevistado cogitou a conquista da autoridade, ou seja, o professor com seu conhecimento vai saber agir com calma em situações com o aluno indisciplinado.

Os educadores devem criar estratégias para manter a disciplina e adaptar técnicas que funcionem com suas turmas. Tais técnicas devem ser adequadas e podem mudar de aluno para aluno, do tipo de aula e das experiências vividas.

Buscar técnicas e métodos requer dedicação e empenho, às vezes muitos educadores desistem e acabam ficando desestimulados, alguns por falta de recursos, outros por comodismo ou por não se adaptar a novas técnicas etc. Porém, mesmo com toda a dificuldade o educador deve procurar novos caminhos e métodos de se aproximar do aluno e criar um ambiente divertido e desafiador. É claro que os professores passam por muitas dificuldades e adversidades, mas não basta simplesmente culpar o sistema e cruzar os braços, é preciso criar alternativas e acreditar que podemos caminhar para uma educação mais justa e democrática.

Quanto à questão que pede aos professores para elencar a contribuição da gestão escolar na tomada de decisões junto ao aluno indisciplinado, as respostas dos professores entrevistados contemplam o que acreditam ser um trabalho de parceria, visto que é de suma importância que todos os segmentos escolares estejam vigilantes

na erradicação da indisciplina escolar que tanto afeta o andamento da vida do próprio aluno durante o ano letivo. As respostas estão dispostas em forma de tabela, visto tornar visível o que foi coletado dos entrevistados.

Os entrevistados demonstraram o quanto a gestão escolar também se apresenta como parceria no combate à indisciplina escolar, o que caracteriza que não é uma preocupação apenas do professor, mas de todos os segmentos escolares. Há a compreensão de que o papel da Gestão Escolar se faz no chamamento dos pais para a questão, envolvendo não somente os segmentos escolares, mas todos aqueles que se sentem responsáveis pela integridade do aluno. Um dos entrevistados mencionou a necessidade de incluir a temática no Projeto Político Pedagógico da escola. Isso é relevante porque inclui a temática no rol dos temas a serem discutidos em todo planejamento escolar.

Longarezi (2001, p. 141) constata essa ambivalência do professor frente ao reconhecimento da indisciplina. “Reconhecem-na como presente no cotidiano escolar, reconhecem-na como obstáculo ao próprio trabalho, entretanto julgam os comportamentos muito mais pela sua inadequação do que como indicador de indisciplina”. Como se observa, a indisciplina como desrespeito com os colegas de sala, com os professores, com o próprio aluno, com ele mesmo [...]”. “Indisciplina é quando o professor chega na sala de aula, fala com o aluno e ele fica virado de costas para o professor; isso é uma falta de respeito, é uma falta de educação. Ao falarem sobre a falta de respeito dos alunos, os professores o fizeram expressando certa indignação. Querendo esclarecer um pouco mais essa questão, quis saber qual significado os professores atribuíam ao termo “respeito”. As falas sugerem que o termo estaria associado à forma como os alunos deveriam se dirigir aos professores: com reverência, polidez e em concordância com as regras e orientações da escola.

Para Piaget (1994) o respeito é o sentimento essencial da vida moral. Em consonância com Piaget, La Taille (1996) assinala que a aprendizagem do respeito pelos outros e pela imagem do professor só ocorrerá se houver uma relação de cooperação pautada no respeito mútuo.

De acordo com os professores, as aulas interessantes já não garantem a ausência de problemas em relação à disciplina em sala de aula. Conforme disse um professor mais experiente, “os alunos prestam atenção no máximo uns quarenta minutos e depois já começam a fazer tudo de novo”. É interessante notar que os atos considerados

indisciplinados para um determinado professor podem não o ser para outro. Isso pode estar relacionado às concepções de educação e de ensino e aprendizagem do professor, assim como às singularidades didáticas de cada matéria.

Finalmente, as falas dos professores registraram uma diversidade de noções de indisciplina bem como apontaram diferentes apreciações em relação as suas causas. Para apresentar os fatores causadores da indisciplina apontados pelos professores utilizarei as tipologias de Aquino (2003) nas quais o autor discrimina três tipos de fatores relacionados com a indisciplina: Sociologizantes (fatores que dizem respeito à sociedade e à família, ou seja, que vem de fora do indivíduo), Psicologizantes (referem-se ao indivíduo, ou seja, àquilo que o aluno trás consigo) e do Campo Pedagógico (referem-se à escola como um todo, incluindo a atuação do professor e a sua estrutura).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do contexto das seguintes situações ou causas: Os pais trabalham muito, então deixam a responsabilidade para a escola; A escola reclama do mau comportamento ou das indisciplinas; Desculpas deseducam e assim vão se percebendo os desajustes; Falta de limites; Falta de disciplina etc., cabe a escola desenvolver uma política disciplinar institucional, esclarecendo quanto à própria natureza da indisciplina, estabelecendo estratégias de prevenção e intervenção, tanto em nível da escola como um todo quanto em nível de sala de aula em particular.

A indisciplina apresenta-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula. Além de constituir um “problema”, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional.

O docente deve buscar conhecer seu aluno e, com isso, tentar diagnosticar dentro de um quadro ético da realidade fatos e informações sobre as causas da indisciplina de seu aluno e, com isso, também verificar sua metodologia de ensino.

Quando a família deixa o filho fazer sempre suas vontades, com certeza terá problemas futuros. Tais falhas de educação familiar podem formar um indivíduo indisciplinado em suas relações interpessoais, inclusive no contexto escolar que é um ambiente regado, não desempenhando com dignidade as suas atividades escolares e também fora da escola.

No entanto, a instituição escolar também contribui para o aumento da indisciplina escolar, quando o aluno chega a uma escola que ignora toda sua bagagem de valores, e que se centra unicamente nas aprendizagens acadêmicas, fracionando a realidade do indivíduo e impedindo o desenvolvimento de um sentido global.

Finalmente, é importante acrescentar que a escola que impõe uma ordem hierárquica e normas de comportamentos sobre a base de um princípio de autoridade, deve refletir não uma disposição autoritária elaborada por um determinado grupo responsável por processos decisórios na escola, mas uma orientação de base consensual que reflita a contribuição de toda a comunidade ligada à escola, e não apenas dos profissionais da educação que nela atuam. Os métodos tradicionais, que podem ser caracterizados pela intenção comum de exercer controle comportamental sobre a conduta dos estudantes, embora estejam consagrados ou apenas tacitamente introjetados no cotidiano de muitas escolas, mostram-se não efetivos quando utilizados com alunos que estão aprendendo a pensar criticamente e a contestar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, M; RUA, M. G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2003.
- ALVES MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **Os métodos das ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ALVES, C. M. S. D. **(In) disciplina na escola: cenas da complexidade de um cotidiano escolar**. Dissertação (Mestrado). Campinas: UNICAMP, 2002.
- ANTUNES, C. **A linguagem do afeto: como ensinar e transmitir valores**. Campinas – SP: Editora Papirus, 2005.
- ANTUNES, C. *Professor bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.
- AQUINO, J. G. “Alunos-problema” versus alunos diferentes: avesso e direito da escola democrática. Pro-posições. **Campinas**, v. 12, n. 2-3, p. 91-108, jul-nov. 2001.
- AQUINO, J. G. A indisciplina e a escola atual. **Rev. Fac. Educ.** vol.24 n.2 São Paulo July/Dec. 1998.
- ARAÚJO, C. **A violência desce para a escola, suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ARAÚJO, I. L. Vigiar e Punir ou Educar? In: (col.). Especial Foucault Pensa a Educação. **Revista Educação**. São Paulo: Editora Segmento, p.26-35, 2012

BENTES, N.O. **Sanção educativa e aprendizagem nas relações dialógicas da sala de aula**. 2003. 104 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Educação, Piracicaba, 2003.

BOARINI, M. L. Indisciplina escolar e dificuldades de aprendizagem escolar: questões em debate. **Apontamentos**, Maringá, v. 69, p. 126, 1998.

BOCCHI, K. C. B. **Comportamentos de indisciplina: uma análise de sua ocorrência em sala de aula**. 2002. 187f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S.K. **Pesquisa Qualitativa em educação**. Boston, Allyn and Bacon, inc., 1982

BONI, V; QUARESMA, S. J Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Tese: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.688o, 2005.

BORGES, J. L. Escola e disciplina: uma abordagem foucaultiana. **Revista Urutágua**. Maringá, v. 05, p. 01-09, 2004.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

1694

BRASIL. Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

. Estatuto da criança e do adolescente (1990). Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

.Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº9394/96. Brasília: MEC-SEF, 1996.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: Perspectivas antropológicas da mulher. Rio de Janeiro: **Zahar**, 1985. p. 25-62.

CHRISPINO, A.; CHRISPINO, R. **Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar**. São Paulo: Editora Biruta, 2002.

CONTE, S. **Bastidores de uma escola: entenda por que a interação entre a escola e a família é imprescindível no processo educacional**. São Paulo: Gente, 2009.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, indisciplina na aula**. Porto: Porto Editora, 2002.

FERREIRA, L.A.M. A Indisciplina e o ato infracional Revista Igualdade XXV. Ministério Público do Paraná. (2014). Disponível: em: <

http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/infanciahome_c/adolescente_em_conflito_com_a_Lei>. Acesso em 10 jan.2018.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 33.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREIRE, P. **Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo**. São Paulo: EPU, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRELLER, C. C. **Histórias da indisciplina escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

GARCIA, J. A indisciplina e seus impactos no currículo escolar. *Nova Escola*. São Paulo, ed. 261, abril, 2013.

GENTILI, P. **A indisciplina como aliada**. *Nova Escola*. São Paulo, ed. 007, janeiro, 2002. GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T (ORGS). **Métodos de pesquisa**. UAB/UFRGS – SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOTZENS, C. **A disciplina escolar: prevenção intervenção nos problemas de comportamento**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: 2 ed, Artmed, 2003.

GRILLO V.T.M.; KUHLMANN, S.R.D. O direito de permanência na escola. **Revista Igualdade XXV**. Ministério Público do Paraná. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/pagina-827.html>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

LA TAILLE, Y. **Desenvolvimento do juízo moral e a afetividade na teoria de Jean Piaget**. In: LA TAILLE, Y. (Org.) **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 2002.

LA TAILLE, Y. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. São Paulo: Summus, 1996.

LARA, A. F. L.; TANAMACHI, E.R.; LOPES JUNIOR, J. Concepções de desenvolvimento e de aprendizagem no trabalho do professor. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 473-482, 2006.

LONGAREZI, A. M. **Os sentidos da indisciplina na escola: concepções de professores, equipe técnica e alunos de séries iniciais do ensino fundamental**. 2001. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, L. **Disciplina é um conteúdo como qualquer outro**. *Nova Escola*. São Paulo, ed. 184, agosto, 2005.

MAHONEY, A. A. ALMEIDA, L. R; Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da educação**. [online] n.20, p.11-30, 2005.

MEDEIROS, C. P. **Indisciplina e mal-estar na educação: uma reflexão a partir da ética da psicanálise**. 2003. 115 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2003.

MÜLLER, L. S. A interação professor-aluno no processo educativo. *Integração*, Ano VIII, nº 31, p.276, **USJT**, São Paulo: novembro, 2002.

MUSZKAT, M. E. **Guia prático de mediação de conflitos em famílias e organizações**. São Paulo: Summus, 2008.

OLIVEIRA, M. I. **Indisciplina escolar: determinantes, conseqüências e ações**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

OLIVEIRA, M. I. **Indisciplina escolar: representação social de professor es do ensino fundamental da cidade de CÁCERES MT**. 2002. 175f. (Tese de 145 Doutorado em Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Educação.

OLIVEIRA, R. L. G.; GOLBA, M. A. M. Reflexões sobre Indisciplina Escolar e Formação de Professores. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12, 2008, Cachoeira do Sul - RS. **Anais**. Cachoeira do Sul - RS: Editora ULBRA, 2008.

OLIVEIRA, R. L.G. **As Atitudes dos Professor es Relacionadas a Indisciplina Escolar**. 2004, 186f. Mestrado em Educação. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.

1696

PIAGET, J. **O julgamento moral da criança**. Summus, São Paulo, 1994.

RATTO, A. L. S. **Livros de ocorrência: (in) disciplina, normalização e subjetivação**. São Paulo: Cortez, 2007.

REGO, T. C. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vigotskiana. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

SACERDOTE FILHO, O. Ato de Indisciplina e ato infracional. *Revista Igualdade XXV*. Ministério Público do Paraná. Disponível: em:

<<http://www.crianca.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=910>>. Acesso em 10 jan.2018.

SANTOS, Lucíola Licínio de Castro P.aixão. Dimensões pedagógicas e política da formação contínua. In: VEIGA, I. P.A. (Org.). *Caminhos da profissionalização do magistério*. Campinas: Papirus, 1995.

SILVA, N. P. **Ética, Indisciplina & Violência nas Escolas**. São Paulo: Edição própria, 2003.

TIBA, Içami. **Disciplina-limite na medida certa: novos paradigmas**. São Paulo: Intregare, 2006.

TRAVI, Marilene Gonzaga Gomes; OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de e SANTOS, Geraldine Alves dos. A escola contemporânea diante do fracasso escolar. *Rev. psicopedag.* [online]. 2009,

VASCONCELLOS, C. S. Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente. São Paulo: Cortez, 2009.

XAVIER, Maria Luisa (org.). *Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

YASUMARU, VITAL Toshio. *Comportamentos de indisciplina: um estudo com a 4ª série do ensino fundamental*. São Paulo: 34, 2006.